

A formação do instrutor surdo e o mercado de trabalho: uma inter-relação necessária

Ana Cláudia Tenório Dornelles*
Josiane Zanella**

Resumo

O mercado de trabalho é um campo de extrema importância e preocupação perante a sociedade, sendo assim, a formação do trabalhador deve estar constantemente presente na vida laboral deste. Diante disto, questionou-se sobre a relação existente, entre a formação do instrutor e o mercado de trabalho para o sujeito surdo e como esta ocorre. Por meio da investigação dos discursos sobre a identidade, a surdez e o trabalho procurou-se entender a constituição de sujeitos surdos trabalhadores, realizando uma entrevista semi-estruturada com um surdo adulto. Este estudo possibilitou um maior esclarecimento sobre a formação profissional do sujeito surdo, fazendo com que as indagações sobre a inter-relação existente entre a formação do instrutor surdo com o mercado de trabalho fossem mais bem exemplificadas. Através da entrevista elucidaram-se os questionamentos pessoais e acadêmicos e, ainda, percebeu-se a importância da inserção deste e de seus pares no mercado de trabalho, assim como os métodos que poderiam e/ou deveriam ser usados para que isto ocorra.

Palavras-chave: Mercado de Trabalho. Formação do Instrutor Surdo. Identidade Surda.

The preparation of the deaf instructor and the work market: a necessary relation

Abstract

The work market is a field of extreme importance and concern towards the society, such being the case, the training of the worker must be constantly present in the labor life of this worker. Before this, we question ourselves about the existing relation between the training of the instructor and the work market for the deaf and how this occurs. By means of the investigation of the speech about the identity, the deafness and the work we seek to understand the constitution of the deaf workers performing a semi - structured interview with a deaf adult. This study allowed us a better clearing about the professional preparation of the deaf people, making such as inquiries about the relationship existing between the training of the deaf instructor and the market of work to be best exemplified. Through the interview we could elucidate our personal and academic questionings and realize the importance of this insertion and of its pairs in the work market, just as the methods that could and/ or should be used for this to occur.

Keywords: Work Market. Preparation of the Deaf Instructor. Identity of The Deaf.

* Profa. Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.

** Profa. Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.

Considerações iniciais

Tendo por base a preocupação com a formação do trabalhador surdo e sua inserção no mercado de trabalho, surgiu o questionamento de como isto se estabelecia no dia-a-dia do indivíduo e como era a inserção deste no mercado de trabalho. Sendo assim, o presente artigo procura entender a constituição de sujeitos surdos trabalhadores a partir da investigação dos discursos sobre a surdez e o trabalho.

Para isso, baseou-se em uma entrevista feita com Felipe¹, sujeito surdo de 42 anos de idade sendo este o ponto de partida da pesquisa. Ele é instrutor na Escola de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser, localizada no bairro Lorenzi na cidade de Santa Maria/RS, como Instrutor Surdo em séries iniciais.

A entrevista foi realizada na escola onde ele trabalha, ocorrendo após, uma observação de seu desempenho profissional e do ambiente no qual desenvolve suas atividades.

Identidade e cultura

A primeira barreira que o sujeito surdo encontra ao tentar entrar no mercado de trabalho é a da comunicação, devido à dificuldade do aprendizado da Língua Portuguesa, na sua modalidade oral ou escrita, e do desconhecimento da LIBRAS² pelos ouvintes.

Para Bakhtin *apud* Souza (1994):

[...] os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nesta corrente é que sua consciência desperta e começa a operar [...]. Os sujeitos não adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (p. 99).

Ele ainda diz que a linguagem constitui-se na interação verbal, onde toda a enunciação é um diálogo ininterrupto. Essa barreira leva a um conflito de identidade, proporcionando assim, uma diversidade de categorias onde este sujeito pode estar inserido.

Perlin *apud* Machado (2002) nos relata que na comunidade surda, a noção de identidades surdas sugere um cenário para suas diferenças, sendo que estas identidades estão divididas em sete categorias, podendo estas se encontrar intercaladas ou se reestruturarem:

- Identidade Surda: refere-se aos surdos que utilizam a LS (Língua de Sinais) e a cultura surda. Para isso, fazendo uso da linguagem

visual;

- Identidade Surda Híbrida: refere-se aos sujeitos que nasceram ouvintes e que por algum fator em suas vidas tornaram-se surdos;
- Identidade Surda de Transição: refere-se aos surdos que não tiveram um contato surdo-surdo anteriormente e, ao estabelecerem este contato identificaram-se e iniciaram o processo de transição;
- Identidade Surda Flutuante: refere-se aos surdos que não possuem contato com a identidade e cultura surda e quando entram em contato não conseguem identificar-se como sujeito surdo;
- Identidade Surda de Diáspora: refere-se aos surdos que por algum motivo mudaram de comunidade, ou seja, de País, de Estado ou de grupo social;
- Identidade Surda Incompleta: refere-se aos surdos que convivem com a hegemonia dos ouvintes, reproduzindo, assim, sua identidade;
- Identidade Surda Intermediária: refere-se aos sujeitos que possuem uma dificuldade de identificar-se com a identidade surda, pois tem restos auditivos.

A partir do momento que este sujeito se identifica com uma destas categorias, ele vai se inserir em uma comunidade e adquirir características de uma cultura, na qual terá seu modelo de indivíduo. Estas comunidades são formadas pelos mesmos interesses, proporcionando assim, um espaço interativo com trocas de experiências aos seus integrantes.

Através da entrevista que foi realizada com Felipe, pudemos concluir que possui a "Identidade Surda" bem estruturada. Ele utiliza somente a LS para sua comunicação no ambiente de trabalho a qual lhe dá a liberdade para expressar-se e fazer-se entendido.

Para isso, Felipe coloca que é necessário o contato surdo-surdo para a construção da identidade, pois ele terá mais uma opção para poder escolher, não somente a expressada pelos ouvintes, mas também um outro ponto de vista. Podendo assim, formar uma identidade com a qual se ajuste. Quanto mais cedo for este contato mais fácil e menos confuso será a aquisição desta identidade.

De acordo com Perlin *apud* Skliar (1998),

[...] O encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como um abrir do baú que guarda os adornos que faltam ao personagem. [...] As identidades surdas estão aí, não se diluem totalmente no encontro ou na vivência sócio-culturais ouvintes. (p. 54).

É comum os indivíduos se reunirem em comunidades, para trocas afetivas, de conhecimento, de experiências, e para se sentirem parte de um grupo. Com a comunidade surda não é diferente; é nessas comunidades onde eles também fortalecem sua cultura e língua. Por isso, o sujeito surdo, a sua família, os empresários que pretendem incluir pessoas surdas na sua força de trabalho, os profissionais da educação e os profissionais das mais diversas áreas, necessitam freqüentar essas comunidades a fim de desenvolver a empatia necessária para compreendê-los mais adequadamente.

Nas práticas e discursos atuais sobre a surdez e sua inclusão na sociedade, a linhas de pensamentos contraditórias, uma parte da defesa recíproca da adequação na comunicação dos indivíduos envolvidos (como referido acima), e outro parte da adequação do surdo ao meio ouvinte, como relata Klein ([200-]):

[...] nos discursos que circulam pelas escolas de surdos, o que Sanchez (1990), valendo-se de Foucault, chama de pedagogia ortopédica, onde, muito mais que educar, se pretende corrigir. Práticas voltadas a fazer falar, a se adaptar ao uso de um aparelho auditivo, são exemplos de reabilitação que se estendem para além do espaço da escola e chega também aos locais de trabalho, onde surdas e surdos devem se adequar as exigências do mercado que busca a eficiência e a lucratividade. (p. 2)

É importante que o surdo adulto adquira a sua independência econômica e sinta-se produtivo dentro da comunidade. Para tanto sugere-se que a escola, sempre com a participação dos pais, busque parceria junto aos serviços que a comunidade dispõe, como por exemplo ESCOLAS TÉCNICAS FEDERAIS, SESC (Serviço Social Do Comércio), SESI (Serviço Social da Indústria), SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), para a profissionalização dos seus filhos. Sendo, desta forma, as dificuldades na integração dos educandos surdos no mercado de trabalho deverá ser uma preocupação da família, da escola e dos próprios surdos.

É normal que os empresários sintam algumas dúvidas em dar emprego a uma pessoa com dificuldades especiais. Pois acreditar nas capacidades profissionais destas pessoas é dar-lhes a oportunidade de poder comprovar o que realmente são capazes. Assim, eles possuíram a motivação, a dedicação e a força de vontades necessárias para aprender uma profissão.

Mercado de trabalho

O trabalho é o principal meio de integração do homem na sociedade. É através deste que o indivíduo comprova sua capacidade igualitária de produção. A luta pela integração do surdo no mercado de trabalho iniciou-se da preocupação com a conquista da cidadania, partindo para campanhas das associações de deficientes “no sentido de propagar os direitos dos cidadãos

com deficiência: direitos a atendimentos qualificados, a educação, ao lazer, à profissionalização, ao emprego.” (KLEIN, [200-], p. 3). É importante que o surdo adulto adquira a sua independência econômica e sinta-se produtivo dentro da comunidade em que vive.

Os surdos são pessoas altamente capazes de exercer qualquer função na sociedade que não requeira exclusivamente habilidades auditivas. Sua diferença lingüística os coloca em condições mais ou menos semelhantes aos de estrangeiros.

O trabalho vem acompanhando as práticas educacionais para os surdos, atravessando os espaços escolares como também as comunidades surdas. No Brasil estas práticas são garantidas pela lei de reserva de mercado (Constituição Federal, art. 37º, inciso VIII), a Instrução Normativa N.º 5 de 30/08/91 do Ministério do Trabalho e da Previdência³ e Decreto N.º. 3298 de 20/12/99 (art. 6º, inciso V, seções III e IV)⁴.

Os discursos que falam desse sujeito surdo, enquanto trabalhador, encontram-se emergidos num pensamento de deficiência, de falta, a ser reabilitado e compensado. O que se observou através da pesquisa foi que em muitos ambientes de trabalho essa visão não ocorre. Eles respeitam e auxiliam os trabalhadores surdos empenhando-se em formular soluções para a diferença lingüística existente entre o trabalhador surdo, seus colegas e supervisores.

Skliar (1998) coloca que,

É bastante comum definir a comunidade surda como a minoria lingüística, baseando-se no fato de que a língua de sinais é utilizada por um grupo restrito de usuários, os quais, seguindo tal lógica discursiva, vive em uma situação de desvantagem social, de desigualdade, e participam, limitadamente, na vida da sociedade majoritária. Resulta curiosa a coincidência desta definição com alguns dos discursos dominantes na educação dos surdos, especialmente aqueles que insistem, como diz Andersson (1989), em que o uso da língua de sinais constitui sempre um fator de exclusão da sociedade majoritária. (p. 22).

Embora a comunidade surda seja minoria em relação à comunidade de ouvinte, não quer dizer que ninguém se preocupe em interagir e auxiliar o sujeito surdo de diversas maneiras. Nessa perspectiva Felipe coloca que em todas as suas experiências, dentro do mercado de trabalho, ele recebeu auxílio de supervisores e colegas, sendo que esses se interessaram em aprender a LIBRAS para facilitar sua comunicação.

Neste momento faz-se necessário à inclusão da história deste sujeito no mercado de trabalho, através de uma sinopse do relatado por ele durante a

entrevista.

Inicialmente Felipe sentiu a necessidade de buscar sua inserção no mercado, para assim, auxiliar seus pais financeiramente e iniciar sua independência financeira. Seu primeiro emprego foi em um supermercado realizando serviços gerais, com aproximadamente 20 anos de idade. Ele permaneceu trabalhando neste estabelecimento por 2 anos e meio. Posteriormente foi trabalhar em um laboratório e depois com fundição de metais. Após este período, voltou para a casa dos pais e permaneceu lá alguns anos, somente para estudar, completando o Ensino Médio.

Completado seus estudos sentiu o desejo de voltar a trabalhar, para isso, começou como voluntário na já referida escola para surdos, onde a diretora o havia convidado. Ele se identificou muito com o trabalho que estava realizando e com o incentivo da diretora e o apoio de seus pais, começou os estudos para fazer o concurso do Estado para entrar como funcionário efetivo da escola e voltar a ter sua independência financeira. Foi aprovado e iniciou seu contrato no final do ano 2002, onde trabalha atualmente como instrutor surdo. Para isso, foi necessário realizar dois cursos de formação profissional na FENEIS⁶ em Porto Alegre.

A FENEIS⁶ já realizou 31 cursos para capacitação de Instrutores Surdos: um na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), em 1993, para Surdos que vieram de todo o Brasil para participarem do Congresso Latino-Americano de Bilingüismo para Surdo, quando se utilizou uma apostila do material que foi publicado posteriormente; dois na FENEIS - Rio, um em 1998 e outro em 2000, quando se utilizou os livros "LIBRAS em Contexto", em sua primeira versão; um em Brasília, em 2001, quando se utilizou a segunda versão, revisada e ampliada, dos livros "LIBRAS em Contexto", e que capacitou surdos de todo o Brasil e, quando esses 54 surdos, que fizeram o curso em Brasília, voltaram para seus 27 estados como Instrutores - Agentes Multiplicadores, voltaram com a missão de prepararem, em média, 20 novos Instrutores de LIBRAS em cada estado.

Ulteriormente desta sinopse abordaremos no próximo subtítulo a formação do trabalhador surdo, e utilizaremos algumas das experiências já relatadas por Felipe, acrescentando outras manifestações de seu pensamento.

Formação do trabalhador

A preocupação com o trabalho esteve sempre associada com a possibilidade de independência, de autonomia das pessoas surdas. A capacitação profissional da pessoa surda deve ser pensada a partir de uma contextualização do mundo do trabalho, da realidade político-econômico-social em que o País vive. O desafio, para ouvintes e surdos, é estarem em constante aprendizado a fim de serem profissionais qualificados em condições de acesso a este mundo do mercado de trabalho.

Essa capacitação é imprescindível. Capacitar para o trabalho, porém, não é um adestramento com o fim de realizar uma tarefa ou uma atividade, e nem repetir algo que lhe foi mostrado ou ensinado. Deve-se pensar a capacitação e qualificação como a possibilidade de um domínio sobre o fazer, entendendo não só o que acontece, mas porque acontece e em que isto irá resultar. Ela deve significar a possibilidade de se ter prazer no que se faz, de se poder relacionar com os demais e de juntos, sentir que se está participando de uma construção de cultura e de cidadania.

Capacitação profissional inicia-se desde quando o ser humano começa a se relacionar com o mundo, com as outras pessoas. É importante que os pais tenham uma participação efetiva no processo de inclusão de seu filho no mercado de trabalho e procurem incentivá-los a buscarem sua profissionalização. O sentido que as coisas e os fatos vão construindo nas mentes, constitui-se em possibilidades para a futura formação.

A capacitação profissional da pessoa surda é um desafio para as escolas repensarem suas finalidades, seu currículo, suas formas de atuação. É um direito da comunidade surda se fazer presente nas discussões das políticas sociais. É um desafio à sociedade que vive cada vez mais uma realidade de exclusão social. Esta não é uma luta de uma pessoa ou de um grupo. É a luta de muitos e que para ser efetiva necessita articulação e mobilização. A escola deverá desenvolver ações que possibilitem a integração do surdo no mercado de trabalho. Essas ações envolvem a implantação de serviços de esclarecimento junto a empresas sobre as verdadeiras capacidades do surdo e serviços de apoio para conscientizá-lo a respeito de seus direitos e deveres trabalhistas.

A esse respeito uma profissionalização proporcional ao seu nível de escolarização pode ser considerada a meta a ser alcançada com vistas à independência do surdo, mediante seu ingresso no mercado de trabalho. Felipe nos relatou que o indivíduo deve estar sempre em constante e permanente busca de qualificação e que para isso deve ser auto-suficiente, ter responsabilidade, saber trabalhar em equipe, ter criatividade para sobrepujar as dificuldades e problemas que podem vir a ocorrer durante o período que estiver trabalhando.

O encaminhamento para o mercado de trabalho deverá ter, inicialmente, um caráter de orientação, informando o aluno sobre a legislação, os documentos, os deveres e direitos, hábitos e atitudes frente à situação de trabalho, as opções profissionais, cargos e funções existentes e sobre as normas que regem o mundo do trabalho.

Felipe ainda expõe sua idéia e convicção de que o surdo deve ter a iniciativa e a força de vontade de buscar sua capacitação e independência econômica. Essa idéia vem do fato de que ele buscou seu trabalho, tendo somente o apoio dos pais e auxílio de amigos e colegas para fazer-se entendido.

Considerações finais

Este artigo nos proporcionou uma nova visão sobre a formação profissional do sujeito surdo, fazendo com que esclarecêssemos nossas dúvidas sobre a inter-relação existente entre a formação do instrutor surdo e o mercado de trabalho. Sendo esse o questionamento relevante de nosso artigo.

Por meio do sujeito entrevistado podemos não só elucidar nossos questionamentos pessoais e acadêmicos como também, perceber a importância da inserção deste e de seus pares no mercado de trabalho, assim como os métodos que poderiam ou deveriam ser usados para que isto ocorra.

Referências

A capacitação profissional do surdo. Disponível em: <<http://www.feneis.com.br>>. Acesso em: 26 de nov. 2005.

BRASIL. Decreto n. 3.298/99. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/1999/3298.htm>>. Acesso em 15 de jan. 2008.

FERNANDES, E. **Surdez e bilingüismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

KLEIN, M. **Surdez, educação e trabalho**: discursos constituindo o surdo trabalhador. [200-] Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/surdez_educacao_trabalho.asp?f_id_artigo=244>. Acesso em: 03 de jun. 2006.

MACHADO, A. D. **As interações do sujeito com surdez severa e o processo de construção de identidade**. 2002. Monografia (Especialização) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2002.

PERLIN, G. T. T. **História de vida: Identidades em questão**. 1998. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUZA, S. J. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas: Papirus, 1994.

THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2004.

Notas

1 Felipe é um nome fictício a qual se refere ao sujeito entrevistado.

2 LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais): é a língua natural dos surdos brasileiros, a qual possui a sua própria estrutura gramatical, utilizando o canal visuo-manual. É utilizada para facilitar a comunicação e possibilita também a utilização de piadas, metáforas, jogos de linguagem, etc. (GOLDFELD, 2002).

3 Retirado de Klein, **Surdez, Educação e Trabalho**: Discursos Constituindo o Surdo Trabalhador. (p. 3 e 4).

4 Retirado de <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/1999/3298.htm>.

5 FENEIS: Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo.

6 Retirado do Texto a Capacitação profissional do surdo.

Correspondência

Ana Cláudia Tenório - Rua Paul Harris, 42 Apt. 201 Centro - 97015-480 - Santa Maria, RS.
E-mail: anactenorio@ig.com.br - anactenorio@hotmail.com

Recebido em 07 de agosto de 2006

Aprovado em 29 de dezembro de 2008

